

2ª PARTE: O DECRETO 5626 E A ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA: A TV INES COMO POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS E DE AMPLA ACESSIBILIDADE À INFORMAÇÃO

A TV INES, criada pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, representou um marco na produção de mídia acessível no Brasil com toda sua programação pensada para e com pessoas surdas. No dizer de Barbosa, a criação de uma web TV buscou romper com a hegemonia de formato dos produtos audiovisuais disponíveis

a partir da contratação de apresentadores surdos e da participação de consultores surdos e profissionais da área da Educação de Surdos nas etapas de produção dos programas. Tinha como objetivo proporcionar à comunidade surda a possibilidade de se ver representada num produto midiático e para a comunidade ouvinte, a oportunidade de quebrar pré-conceitos. O dia a dia nos bastidores da web TV exigiu dos dois grupos (surdos e não surdos), uma mudança de paradigma com relação à comunicação, espaço bilíngue e aceitação das diferenças. A experiência possibilitou a inclusão na dinâmica de trabalho de novas técnicas que possibilitaram a construção de um material bilíngue totalmente acessível à comunidade surda. (BARBOSA, 2022, p. 101)¹

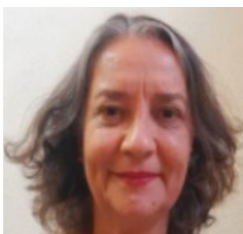
Fundada em 2013, em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP), a TV INES, um projeto inédito no Brasil, teve toda sua grade de programas jornalísticos, culturais e educativos transmitida em LIBRAS, acompanhada de locução oral em off e legendas em português a fim de proporcionar total comunicabilidade ao público. Assim, como determina o decreto 5626, a TV INES tinha

¹ BARBOSA, Maria Inês Batista. TV INES: um veículo de acessibilidade para a comunidade surda. Revista Aleph, Niterói, V. 2, Outubro. 2022, nº Especial, p. 101 - 11

como compromisso garantir o direito à comunicação e à informação para pessoas surdas, promovendo a inclusão e a igualdade de acesso. E com apenas um ano de existência a emissora conquistou grande audiência e prêmios por sua realização:

Desde a sua estreia, a TV INES conquista de maneira crescente e constante grande audiência nas diferentes plataformas e, em maio de 2014, ganhou o Troféu do Júri no Prêmio Oi Tela Viva Móvel – principal premiação para inovação em conteúdo móvel no Brasil. A organização também conquistou o prêmio de público na categoria “Mobilidade para Conteúdo Audiovisual”, oferecido pela Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão - SET.² (SIQUEIRA E SOUZA, 2015 p. 9)

Em vista da importância dessa realização do Instituto Nacional de Educação de Surdos, do ineditismo do projeto em prol da acessibilidade dos surdos à informação e aos bens culturais, essa edição especial da Revista Espaço entrevista a professora e historiadora Solange Maria da Rocha, diretora geral do INES à época em que a TV INES foi criada.



Entrevistada:
Solange Maria da Rocha



Solange Maria da Rocha nasceu no Rio de Janeiro em 3 de abril de 1956. Cursou Pedagogia com habilitação em Educação Especial na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - (1985/1987). É Mestre em Educação Especial pela UERJ (1994) e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ(2005-2009) . Ingressou, como aluna, no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES- no ano de 1982, para o Curso de Especialização para Deficientes da Audição. Aprovada no concurso realizado no ano de 1984 pelo Ministério da Educação/ Centro Nacional de Educação Especial - CENESP -, para atuar como docente no INES desenvolveu, desde então, atividades em três campos: o da docência (professora de História dos ensinamentos Fundamental e Médio), o de estudos e pesquisas e o da função executiva. Participou da criação da Revista Espaço, publicação técnico-científica do INES, de periodicidade semestral, distribuída para os sistemas de ensino do Brasil e do exterior. Coordenou pesquisa de alternativas educacionais na pré-escola do INES no período 1987/1990. No ano de 2000 escreveu o projeto para a criação do dicionário de LIBRAS feito em parceria com o MEC sob a orientação do INES. Dirigiu o Departamento de Desenvolvimento Humano Científico e Tecnológico do INES de 1999 a 2001. No ano de 1997, após organizar o acervo bibliográfico, documental e iconográfico do INES, produziu um Histórico do Instituto que foi publicado numa Edição Especial da Revista Espaço. No ano de 2007,

² SIQUEIRA, Jonara Medeiros e SOUZA, Joana Belarmino. Um Estudo de Caso Sobre a TV INES: Primeira WebTV Acessível do Brasil. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Rio de Janeiro, RJ - 4 a 7/9/2015

escreveu um livro sobre os 150 anos da Instituição intitulado “O INES e a Educação de Surdos no Brasil”, com tiragem inicial de 4000 exemplares já em segunda edição de 7500 exemplares. É responsável pelo Acervo histórico do INES. Em 2010 foi eleita Diretora Geral do Instituto Nacional de Educação de Surdos, exercendo o cargo de 2010 a 2014. Nesse período, idealizou e desenvolveu a primeira TV via Web totalmente acessível para sujeitos surdos no Brasil - TV INES. Atua como docente da Graduação, Pós-graduação *Latu Sensu* e *Stricto Sensu* no Departamento de Ensino Superior do INES ministrando a disciplina História da Educação de Surdos. Presta assessoria a pesquisadores internos e externos relativa à História da Educação de Surdos. Criou e é curadora da Série Histórica do INES, que no período de 2010/2014, produziu oito volumes. Primeira Professora Titular do INES. Em 2018 escreveu a obra “INES: uma iconografia dos seus 160 anos”. No ano de 2022, foi eleita e nomeada diretora geral do INES para o exercício de 2023/2027.

1. Como surgiu a ideia de criar TV INES?

Logo que assumi a Direção-geral do INES, no ano de 2011, recebi uma solicitação de reunião com uma equipe da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto, ACERP. Eles estavam criando uma sala de intérpretes, em sua sede no Rio de Janeiro, e queriam orientação de como seria o posicionamento do tradutor-intérprete na tela televisiva, posto que estavam criando programas com acessibilidade para a comunidade surda. Procuraram o INES de modo que pudéssemos assessorá-los partindo de nossa histórica experiência. Por coincidência, eu estava finalizando um projeto como professora de História, que me alcançou já como diretora, na vira-da do ano de 2010 para 2011. Tratava-se do processo de produção de um DVD com dez músicas do cancionário popular brasileiro, com participação de professores de Libras, de Língua Portuguesa, de História e de tradutores-intérpretes. O DVD tinha como padrão o professor surdo narrando em Língua de Sinais na tela principal e as demais imagens em uma tela secundária, com legendas em português. Nessa reunião com a equipe da ACERP, mostrei o DVD, como sugestão. Acharam muito interessante e disseram que era esse tipo de orientação que estavam buscando, ou seja, a Língua de Sinais sempre em tela principal. Agradeceram a orientação e me convidaram para conhecer pessoalmente as instalações da sala dos profissionais tradutores-intérpretes na ACERP. Ao andar pelos corredores vi uma série de televisões ligadas com programas rodando. Eram os programas que eles produziam para a TV Escola. Nesse momento me ocorreu a ideia de produzir uma televisão para o INES. Como gestora, tinha a possibilidade de tomada de decisão. Essa possibilidade estava alicerçada nas muitas lutas por acessibilidade dos surdos, pelo acesso à informação, aos bens culturais, enfim, havia ali uma porta que se abria diante de nós. Nesse mesmo dia a TVINES começou a ser gestada. Conversei com a equipe da ACERP sobre essa possibilidade e assim foi.

Muitas reuniões para discutir sua implementação e toda a estrutura envolvida. As reuniões foram no INES e na ACERP, com a participação dos assessores da Direção Geral, Valdo Nóbrega e Rita Nakajima e da diretora do DDHCT, Departamento de Desenvolvimento Humano Científico e Tecnológico, Maria Inês Ramos. Também compunham a equipe do INES, inicialmente, os profissionais surdos convidados para o desenvolvimento do projeto: Renato Nunes, Heveraldo Ferreira e Áulio Nóbrega. As discussões giravam em torno de como construir a grade de programas, com a orientação de serem todos ancorados pelos surdos. Também foram convi-

dadas, a princípio, Aline L'Astorina e Rose Fonseca, duas tradutoras-intérpretes de Libras, Codas³, cujos familiares foram discentes do Instituto. Aos poucos fomos construindo essa televisão, que era uma mídia nova, totalmente acessível. Mesmo com muita dificuldade, posto que era algo totalmente novo, inédito, as propostas iam sendo apresentadas: um jornal diário, piadas em Libras, aulas de libras, filmes, dentre outras. Começamos modestamente, com três ou quatro programas. Aos poucos a programação foi se expandindo e virou essa referência que é ainda hoje.

2; Quais os objetivos que você poderia dizer que eram centrais para o trabalho, que nortearam todo esse projeto?

Na verdade, a proposta foi desenvolvida sob dois pilares, um para a comunidade surda e outro para a comunidade em geral. Para a comunidade surda seria justamente construir acessibilidade aos bens culturais através da informação no âmbito cultural e educacional (jornalismo, cinema, teatro, esporte, conhecimento científico, dentre outros). Tal como uma grade de televisão de qualidade, com amplo alcance de temas e de necessidades que o exercício de cidadania demanda. Programas com acessibilidade em Libras e legendados. Para a comunidade em geral seria oportunizar a parceria entre profissionais que sabem fazer televisão e profissionais surdos que sabem a dimensão adequada de acessibilidade, de modo que pudessem criar mídia efetivamente inclusiva partindo desses saberes. E foi o que aconteceu de fato. A TVINES tornou-se referência no mundo das mídias, com público diverso e fiel. A qualidade de sua programação era reconhecida por todos. Não ficava devendo a nenhum, nenhum canal de televisão. Tinha uma intenção político-pedagógica, também, no sentido de mostrar às pessoas que visitavam ou que acessavam sistematicamente seus programas, de como é que se deveria garantir acessibilidade de conteúdo de televisão para a comunidade surda. Construir cultura social para que não haja ilhas linguísticas. Mostrar para as pessoas, para a sociedade de uma maneira geral, que se pode fazer televisão moderna, leve, engraçada, com temas também atuais. Que é possível qualquer canal de televisão produzir programas acessíveis com essa qualidade.

3. Você já falou da inserção dos profissionais surdos, que é uma novidade muito grande. Não existe nenhuma televisão pública em que os surdos sejam âncoras, ou jornalistas ou repórteres. Poderia falar um pouco mais sobre isso, porque se trata de um diferencial enorme.

O diferencial é você ter uma pessoa surda como âncora de programas apresentado em língua de sinais. Isso desloca a compreensão do cidadão comum que não conhece a potencialidade dos surdos. São profissionais conduzindo programas, debatendo diversos temas, como política, esporte, futebol, em língua de sinais. Também há que se destacar o processo de contratação dos profissionais surdos como locutores, pela ACERP. Foram os primeiros locutores surdos e acho que únicos do Brasil. Criou-se uma consciência cultural de natureza trabalhista.

Naturalmente que a presença dos surdos à frente dos programas em interação com os ouvintes trouxe complexidades absolutamente esperadas. O trânsito cultural entre quem sabia fazer televisão - roteiristas, técnicos, iluminadores, maquiadores - e os profissionais surdos, com seus olhares e percepções desdobrou-se em encontros muito interessantes.

³ Sigla inglesa utilizada para designar pessoas ouvintes cujos pais são surdos

4. A TV INES começou em 2013 e se manteve em plena atividade até 2019. Nesse intervalo de tempo em que ela durou, como é que você faz sua avaliação da receptividade do público? Público surdo e não surdo. Porque a gente sabe que muitos professores, muitas pessoas tinham na TV INES um acervo de fontes de estratégias de ensino, de estratégias de ampliação da informação, quer dizer, era um veículo cujo alcance era muito grande.

A receptividade foi enorme. Há dados estatísticos que confirmam. É preciso que se diga que como diretora, responsável pela criação coletiva desse grande projeto, toda vez que sou interpelada a falar sobre a TV INES, me recuso a falar em tom de um réquiem, por ela ter sido interrompida. Ao contrário, nosso esforço atual é pela retomada. Recentemente eu dei uma entrevista exatamente sobre isso. A fala é sobre a retomada. A gente precisa de dotação orçamentária. Nós tivemos aí uma queda orçamentária importante na gestão passada. Mas seguimos em luta. Estamos começando a produzir alguns programas, de modo muito ainda incipiente, mas a TV INES está viva. Vive com as atuais condições objetivas. Mas a gente está buscando condições melhores para que se aproxime daquilo que já foi um dia. Mas não é um réquiem. Ao contrário, é um devir positivo, alegre, com muita vontade de devolvê-la para a população surda brasileira, para os brasileiros, que com seus impostos pagam essa iniciativa. Eu tenho certeza que ninguém, nenhum brasileiro, cujo imposto está ali investido é contra essa realização. Pelo contrário. Então o retorno é enorme. Eu tenho amigas que falam – “Solange, botei meu filho ouvinte para estudar naqueles programas”. Tem muita informação ali, tem legenda e a pessoa já vai sendo construída assim, uma cidadania para o outro. Uma televisão com surdos falando em língua de sinais sobre política, sobre cinema. Olha só! Então essa é uma construção desejável para o outro, não é? Esse outro que não se quer ilhado. Pelo contrário, misturado. É extremamente inclusiva nesse sentido, no melhor sentido dessa palavra.

Do ponto de vista acadêmico, também existem dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos científicos publicados sobre a TV INES. No campo acadêmico da educação de surdos, temos colegas que até hoje usam esses programas que estão circulando. Estamos num esforço enorme de recuperar esse material que está em diáspora, na internet, de modo que possamos concentrar nossos conteúdos novamente. Esses conteúdos são ferramentas para contribuir na construção de cidadania brasileira, em que o outro que se apresenta é o que esteve escondido em casa, em instituições ou em classes especiais. Há muito luta pela frente. Sempre haverá.

Nossa intenção é mostrar a potência de cidadãos surdos brasileiros, produzindo cultura, produzindo conhecimento.

5. Dado que o tema central dessa edição especial da Revista Espaço é o decreto 5626 e o impacto que produziu na educação de surdos e na garantia de direitos fundamentais para a comunidade surda brasileira, gostaria de lhe pedir que nos falasse um pouco em que a TV INES dialoga com esse importante marco legal.

⁴ Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão no Brasil.

⁵ Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que sanciona, regulamenta e detalha a implementação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Fundamental essa pergunta. Esse ano o decreto 5.626 completa 20 anos. O nosso Congresso anual vai discutir os avanços conquistados nessas duas décadas e apresentar os muitos desafios que ainda temos. Lembrando que a conquista da Lei de LIBRAS de 2002⁴ e do Decreto de 2005⁵ que a regulamenta, foi fruto da luta incansável da comunidade surda. Na História sociopolítica dos surdos revelam-se conquistas muito orgânicas. Essa era uma pauta dos surdos, o reconhecimento da língua de sinais, como forma de expressão, para estar nas salas de aula, para estar nos ambientes culturais, como a gente vê hoje. A TVINES é fruto dessa luta. A conquista da lei de Libras resultou de uma grande mobilização da comunidade surda e da comunidade acadêmica também. Das pessoas que têm adesão política às questões dos surdos, enfim, que também junto construíram esse movimento. Nesse contexto destaca-se o Congresso realizado em Porto Alegre, no ano de 1999, ocasião em que foi produzido o documento *A educação de surdos que nós queremos*⁶. O conteúdo do decreto é estruturado por esse documento. As lutas e suas conquistas no curso da História acontecem quando elas acumulam força para poder acontecer.

Estudando documentos do INES, dos anos de 1970, me deparo com uma Ata registrando a presença de uma equipe de televisão que, em reunião com profissionais e alunos do Instituto, queria saber qual a melhor forma de acessibilidade para os surdos nos programas de televisão. Um dos alunos convidados para se manifestar foi o atual presidente da FENEIS, professor e historiador Antônio Campos. Naquela altura tinha pouco mais de 11 anos de idade. Disse que seriam os programas com legenda. Quanto de luta acumulada! Mais de cinquenta anos! Então é assim. A demanda segue, vai tensionando até que se construam condições objetivas para acontecer. O decreto revolucionou o campo da educação de surdos. Mexeu em suas estruturas. Dificilmente você vai encontrar algum trabalho, dissertação, tese, que não o tome como referência. É realmente um marco. Talvez a educação de surdos no Brasil se estruture em dois marcos: a criação do atual INES há 168 anos e o decreto 5.626. Há outras legislações importantes, mas, no meu entendimento, nada que tenha produzido aquele efeito cogumelo das bombas nucleares como o decreto 5626. Esse é o tema do COINES de 2025.

6. Então agora, para encerrar, em suas considerações finais, gostaria que você nos contasse o que você teria em mente para a retomada da TVINES?

Nesse momento estamos conversando com a equipe do nosso Ministério da Educação ligada às TVs educativas. Há uma proposta sendo construída de produzirmos programas da TVINES para entrar na rede das TVs educativas do MEC. Então, nós estamos construindo essa parceria. É, na verdade, uma reconstrução. Há também uma atualização em sua estrutura. Agora tudo é feito para streaming, que é uma espécie de menu onde é possível selecionar o que se quer ver e quando. As informações podem ser encontradas no site do INES. Estamos produzindo programas da TV INES, com a atual estrutura que a gente tem no Instituto, mas no hori-

⁶ O documento "A Educação que nós Surdos queremos" foi elaborado por representantes da comunidade surda no evento que antecedeu o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue, no ano de 1999, realizado na UFRGS, em Porto Alegre. O documento, que foi enviado ao MEC a essa época, contém, entre outros temas, diretrizes sobre como os surdos gostariam de ser narrados; proposições sobre educação bilíngue de surdos (desde a educação infantil); o direito a intérpretes nos mais variados contextos e a necessidade do reconhecimento, pelo Estado, da LIBRAS como uma língua oficial.

zonte, a curtíssimo prazo, teremos uma parceria com a TV Educativa, de modo que a gente possa construir programas que irão ser rodados com a marca da TV INES, produzidos para o canal aberto do Ministério da Educação.

E as suas considerações finais?

As minhas considerações finais são, na realidade, considerações que não são finais. Vamos fazer uma analogia. Essa ação é como se fosse um sol. Um sol que vai iluminar, nortear nossas próximas ações. Temos a certeza de que a gente tem que continuar, mas não podemos também ficar esperando algo acontecer. Lamentamos sua interrupção no passado, pouco compreendida, mas temos que olhar para frente. Retomando a analogia, como as plantas se viram para o Sol, temos que trabalhar para que essa mídia volte com toda a sua potência. Queremos e precisamos devolver essa realização ao povo brasileiro que é quem financia esse excelente trabalho da comunidade surda brasileira.

